

6 – Contato cultural, alteridade e práticas culturais nos EUA

As reflexões que tenho desenvolvido sobre alteridade e recepção têm como origem também, a minha experiência de pesquisador estrangeiro na Brown University, uma das mais antigas universidades norte americanas. Brown é localizada na cidade de Providence, no nordeste dos EUA, cerca de uma hora de distância de Boston e a quatro horas de Nova York. Essa viagem fez parte do programa de convênio Brown/Brazil, no qual alunos de graduação da Brown University, estudam por um semestre na PUC-Rio, e alunos de pós-graduação de áreas de ciências humanas e sociais da PUC-Rio, estudam por um semestre na Brown University. Passei duas temporadas em Brown. Uma, no estranho e trágico segundo semestre de 2001, período do maior atentado terrorista nos EUA, quando eu estava cursando o mestrado em estudos de literatura, e a outra, no primeiro semestre de 2006, quando estava desenvolvendo as pesquisas do curso de doutorado.

Minha primeira passagem pela Brown se caracterizou, de uma forma geral, por 4 meses de intenso contato cultural, incluindo a experiência de observar, como aquela parte da sociedade americana reagiu aos ataques terroristas de 11 de setembro. Naquele momento, estava buscando novos caminhos teóricos para a minha pesquisa sobre práticas leitoras coletivas e movimentos sociais. Acredito que essa minha preocupação, em termos de linhas de estudo, estava mais próxima de uma perspectiva dos estudos culturais britânicos, por abordar a questão da leitura em setores menos privilegiados economicamente, do que do perfil dos estudos culturais norte-americanos, que enfatiza mais as diferenças de etnia, gênero e opção sexual.

Entretanto, viver o cotidiano naquela parte da sociedade americana, me possibilitou observar um ambiente interessante no qual existe uma grande diversidade étnica e cultural, e, ao mesmo tempo, estar num espaço de grande importância para o *Status quo* da elite americana, pois Brown, como uma

universidade tradicional e prestigiada, assim como, Harvard, Yale, Columbia e outras da chamada *Ivy League*, é freqüentada por jovens ricos dos EUA.

Esse universo complexo, composto de vários grupos, representou um grande choque cultural para mim. Digo isso, porque não vivemos em nossas universidades esse tipo de configuração social. Por estar imerso naquele universo, onde cada grupo social busca afirmar e garantir o seu espaço, comecei a pensar como esses grupos realizam ações de recepção e produção de bens culturais. Nesse primeiro contato com a comunidade acadêmica da Brown University, não me aprofundi numa investigação direta desse assunto. Devo afirmar, no entanto, que esse contexto fez mudar o meu olhar investigativo para a questão dos outros tipos de relação com a alteridade, que envolve etnias, gêneros e opções sexuais, e que podem ser apresentadas nos processos de produção e recepção dos bens culturais.

Com o auxílio do Professor Nelson Viera, professor do *Departament of Portuguese and Brazilian Studies*, desenvolvi uma pesquisa teórica sobre cultura, literatura e sociedade, usando o acervo da Biblioteca Rockfeller, uma das bibliotecas do campus da Brown University. Foi durante essa pesquisa que encontrei o livro de Gabriele Schwab, *Otherness in Literaty Language*, correspondente à união entre diferentes caminhos teóricos que, até então, eu estava pesquisando separadamente, porque a investigação girava em torno de possíveis contribuições das teorias do efeito estético e da recepção para o estudo de prática leitoras coletivas, realizadas por membros de um movimento social.

A leitura desse livro configurou uma experiência especial, devido ao fato de eu ter transcendido os limites do estudo teórico pela necessidade de compreender as diversas experiências culturais que vivi diariamente ao transitar por diversas esferas daquela sociedade complexa. Isso quer dizer, que, de fato, estava vivenciando de forma radical o que a autora classifica de contato cultural. Nesse momento, procurei pesquisar os caminhos teóricos, dialogando sempre com o Professor Nelson, e, ao mesmo tempo, acompanhei dois cursos, um sobre literatura de caráter autobiográfico, ministrado pelo professor Nelson Viera, e um outro chamado de *Literature and Society*, oferecido pelo *Departament of Mídia and Modern Culture*, e ministrado pelo professor Leonnard Tennenhouse.

Sendo assim, segui o caminho de aprofundar a reflexão sobre o contato cultural e vivenciar e identificar as diferentes manifestações dos vários grupos sociais que coexistem na universidade. Foi nesse momento, que comecei a

compreender como e porque, aquela comunidade acadêmica é formada por diversos grupos que se identificam a partir de etnias, gêneros, práticas culturais ou esportivas e outras configurações desses tipos. O interessante era que a condição de ser um negro brasileiro, permitiu que eu não me encaixasse perfeitamente em nenhum dos grupos identitários, possibilitando assim, intensos contatos culturais como sendo o Outro daqueles grupos. Digo isso, porque os grupos acabam estabelecendo um grande distanciamento em relação àqueles que não pertencem às suas características.

De um modo geral, posso afirmar que não é fácil estabelecer uma compreensão rápida e eficiente daquele universo, onde várias culturas são manifestadas, assim como, vários tipos de comportamento, de formas de se vestir e de falar. O prédio dormitório dos alunos de pós-graduação, onde eu morava, é uma verdadeira torre de babel, onde ocorriam conversas entre alunos de várias partes do mundo. Indianos, turcos, alemães, gregos, australianos, chineses e alunos de outros países, sempre se encontravam na sala de televisão ou na cozinha coletiva, e conversavam, com um inglês carregado de diferentes sotaques, sobre diversos assuntos, indo desde política externa norte-americana, até as partidas das antigas copas do mundo. Naturalmente, cada um era sempre solicitado para falar de cultura, política e economia dos seus países de origem.

Além do estudo do trabalho de Schwab, as leituras e discussões dos cursos, que acompanhei, ajudaram a construir um olhar para as diversas experiências que faziam parte do dia-a-dia de um estudante estrangeiro. Sendo assim, os textos do curso sobre autobiografia, me auxiliaram a pensar nos processos de construção autobiográfica e suas conexões com os processos de identificação que realizamos coletivamente. Ou seja, a seleção de fatos e eventos que realizamos ao reconstruir o nosso passado, também são visivelmente feitos por grupos identitários que selecionam fatos e eventos do passado, para construir e manter as suas identidades.

O curso *Literature and Society* abordou as principais formas de teorizar as relações entre literatura e sociedade. Esse curso parte do princípio de que a questão da mediação está no centro dessas correntes teóricas. A questão que norteava as suas leituras e debates, era se as artes refletem o que está no seu lado de fora, produz o que pensamos que é real ou opera em algum entre-lugar. Na busca de respostas para essa questão, partes das obras dos seguintes teóricos, foram lidas: Marx, W. Benjamin, R. Barthes, L. Althusser, M. Foucault, J.

Baudrillard, Geertz, F. Jameson, Anderson e outros. As reflexões sobre arte e realidade, provocadas por esse panorama de correntes teóricas, também influenciou as formulações que eu estava desenvolvendo, nas quais procurei diminuir os riscos de reducionismo ou excessiva simplificação.

Acredito que a maior contribuição desse exercício de reflexão foi ampliar meu olhar, juxtapondo as diversas contribuições teóricas que, até então, eram por mim encaradas de forma separada. Esta contribuição, somada com a necessidade de compreender minimamente a vida de uma sociedade complexa, muito diferente da minha, criou um estimulante momento, no qual novas concepções foram formuladas, no que se refere às interseções entre sociedade e arte.

Foi nesse momento, que tive a oportunidade de iniciar a análise do valor social de um determinado meio de comunicação, em sua relação com que chamamos de literatura. Escrevi um trabalho sobre o papel social que a literatura desempenhava na sociedade brasileira do século XIX, e o valor social das revistas femininas, que eram cópias das revistas francesas, usando algumas das informações que, agora trabalhei no segundo capítulo, sobre a versão em folhetim de *Quincas Borba*. Em consequência, tive um debate interessante com o professor desta disciplina sobre esse trabalho, foi quando ele me apresentou vários exemplos, na história norte-americana, de como o prestígio social de um meio de comunicação, influencia todo o processo de produção, escolha dos textos e de determinados modelos de recepção. Como no caso da revista *Newyorker* em que, segundo ele, convenções e práticas são criadas para manter o significado social daquela revista, em torno da idéia de sofisticação, elegância, modernidade e erudição. Isso está de acordo com o que posteriormente eu encontrei na teoria de Niklas Luhmann, que encara os meios de comunicação como sistemas sociais que produzem um sentido para si mesmo na intenção de se diferenciar dos demais sistemas sociais e, no caso, até dos demais meios de comunicação. Assim, sofisticação e estilo, estão associados com o ato de se ler sobre arte, literatura e cinema nas páginas da *Newyorker*.

Então, a partir deste ponto, já se constituíam dois elementos da minha pesquisa : a questão do contato cultural e a materialidade dos meios de comunicação e sua dimensão social. Entretanto, ao acompanhar atividades de alguns grupos identitários da universidade, apareceu um outro elemento de pesquisa: a questão de como os muitos grupos identitários, estabelecem um

distanciamento em relação aos demais grupos e se fecham nos seus próprios mundos. Observei que geralmente os membros de determinados grupos (negros, *chicanos*, feministas, lésbicas e outros) não se misturavam com os outros grupos, a não ser, nas aulas ou eventos feitos para toda comunidade acadêmica. Além disso, os discursos de cada grupo identitário me pareciam muito baseados numa visão dicotômica e maniqueísta. Ao mesmo tempo, percebi a postura de exclusão em relação aos demais grupos, que se declaram também como minoritários. Por exemplo, os grupos negros não se aproximam dos grupos latinos, os grupos predominantemente masculinos não estabeleciam contatos com os grupos de homossexuais, e estes por sua vez, não tinham nenhuma ligação com os grupos de alunos asiáticos, e o mesmo acontecia entre os outros diversos grupos.

Enfim, naquele segundo semestre de 2001, desenvolvi essas atividades na *Brown University* aproveitando principalmente para a minha dissertação de mestrado, a idéia do contato cultural pela leitura. O restante das experiências, fizeram parte já dos desdobramentos do meu objeto de estudo, que se tornaram as bases para o projeto da tese de doutorado. Desta forma, a questão da materialidade dos meios de comunicação, a observação da visão muitas vezes dicotômica e fundamentalista dos grupos identitários, e a questão do caráter construtivo da autobiografia e sua relevância para a compreensão dos processos de formação de identidades, foram os temas que surgiram dessa experiência.

6.1 Temporada do inverno de 2006 na *Brown University*

Em janeiro de 2006, após 4 anos, retorno à *Brown University* para desenvolver pesquisas sobre um tema que descobri na temporada do outono de 2001, e se tornou central para a elaboração desta tese: os processos de construção de realidades nos grupos identitários e a possibilidade de observar contatos culturais nas atividades de produção e recepção de bens culturais. Digo isso, porque nesse momento, eu já tinha estabelecido parte da base teórica e metodológica, na qual destacava-se o diálogo entre a idéia de contato cultural de Schwab e as concepções de S. Fish, Schmidt e Luhmann, sobre o caráter sistêmico e construtivo das ações de sujeitos em comunidades interpretativas e em sistemas sociais.

Para atingir tal objetivo, deixei de lado a idéia de somente acompanhar as atividades de cada grupo identitário de forma isolada, e passei a procurar setores da universidade em que são produzidos estudos, atividades e eventos para a interação de diferentes grupos sociais. Assim, a minha intenção era identificar situações em que as formas de configurar realidades, no caso de cada grupo, fossem colocadas em jogo, perante outras formas de configuração, elaboradas por membros de outros grupos, principalmente, a partir da recepção e produção de bens culturais.

Durante essa busca, entrei em contato com diversos grupos e espaços culturais dentro e fora do campus, onde podia encontrar atividades entre membros de diferentes grupos sociais, como no caso do *Black Theater Repertory* de Providence, um espaço cultural e centro de divulgação e preservação da cultura da diáspora negra. BTR realiza shows de *Jazz*, música cubana, Hip-Hop e peças teatrais que estão sempre em torno da questão da identidade da cultura afro-americana. Entrevistei a responsável pelas atividades pedagógicas do *Black Theater Repertory*, Carissa Baquiran, para obter informações sobre as parcerias que eles têm com as diversas comunidades da cidade de Providence, e quais grupos étnicos, além da comunidade negra, participam das atividades realizadas. Ela respondeu, dizendo que as escolas públicas dos bairros servem como intermediárias e, desta maneira, o BTR recebe alunos dessas escolas para a realização de oficinas de música, teatro e poesia e, no término das oficinas, ou em outra ocasião, eles mesmos fazem espetáculos a partir do que foi trabalhado.

As atividades educacionais do BTR seguem o objetivo de estabelecer a interseção entre artes, cultura, mudança social e educação. Os seus programas educacionais desenvolvem, em jovens e adultos, o reconhecimento da importância e o poder das artes e da cultura da diáspora africana e promovem os valores de comunidade e democracia que são partes desta tradição. Assim, para o ano de 2006, foram programadas as seguintes atividades com as escolas e os centros comunitários:

- *Common Ground @ The Birch Vocational School*: Durante o ano, estudantes das escolas aprendem percussão e técnicas de dança para encontrar uma base comum(*Common Ground*) com outros estudantes da Rhode Island College.

- *The Paul Cuffee School*: Os estudantes têm a oportunidade de aprender percussão afro-caribenha e passos, após as aulas regulares, com a orientação de arte-educadores.
- *The Providence Afterschool Alliance*: Nesse projeto, muitos estudantes das escolas, *Gilbert Stuart and Bridgman Middle school*, têm aulas de música e dança na Biblioteca do *Knight Memorial* para criar performances para suas famílias e colegas.
- *Seeds of Hope (sementes da esperança)*: Essa aula acontece no espaço físico do Black Rep e foi criada e gerida para desenvolver lideranças através das atividades artísticas. Os alunos do *Seed of Hope* têm feito performances através do Estado de Rhode Island, incluindo a Conferência Nacional dos Contadores de História negros.
- *Poetry in Motion @ The Providence Housing Authority*: Os estudantes escrevem poemas e criam performances baseadas no que foi escrito. As performances são apresentadas no Black Rep.
- *C-TV* é um programa televisivo de meia hora apresentado pela Cox, uma companhia de rede de TV a cabo, e produzido por organizações de justiça social incluindo: *Direct Action and Equality, Camp Street Community Ministries, English for action, Providence Youth Students movement and the providence Black Repertory Company*.

Na entrevista, Carissa afirmou que essas atividades promoviam uma interação entre pessoas de diferentes comunidades imigrantes, pois pessoas de origem asiática, africana, europeia e latino-americana, passavam a aprender técnicas de percussão ou de dança afro-caribenha, assim como, outras expressões de origem africana que são completamente diferentes para a maioria desses grupos sociais.

A partir da minha observação do grau de distância entre os grupos identitários da universidade, perguntei a Carissa se essas atividades conseguiam criar ligações entre os diferentes grupos sociais da cidade. Ela afirmou que é muito difícil diminuir de forma significativa as distâncias entre os grupos, pois isso, está enraizado de forma muito radical na dinâmica social daquela região e, segundo ela, em todo o EUA. No entanto, Carissa fez uma observação, que foi ao encontro do meu caminho de investigação, quando disse que, no momento em que se executam as práticas artísticas, as barreiras são quebradas. Isso porque, conforme a explicação de Carissa, a necessidade de realizar movimentos, sons e encenações oriundos de outra cultura, faz com que as pessoas deixem de lado as suas próprias experiências culturais, e vivam aquele momento, como se estivessem viajando numa terra estrangeira, ou seja, todos se tornam coletivamente estrangeiros ao praticar a arte de origem africana.

Essa fala foi fundamental para a minha tentativa de estabelecer um modelo de análise de contatos culturais, a partir da observação do momento exato do ato de produção e recepção de bens culturais. Passei a considerar os pequenos detalhes que ocorrem no momento da criação e recepção como muito importantes. Como, por exemplo, as demonstrações de compreensão, cooperação e aceitação perante as atitudes do Outro, tornam-se muito mais visíveis no momento em que todos estão aprendendo algo estranho e novo, oriundo de outra cultura. Ao contrário de muitas atitudes de irritabilidade, autoritarismo e desrespeito, que muitas vezes acontecem com pessoas que tentam passar suas culturas para outros grupos sociais. A história da colonização européia nas Américas, está repleta de exemplos dessa atitude.

Sendo assim, identifiquei uma postura de grande aceitação do Outro, a partir de vários momentos nas aulas, ensaios, e na própria execução das performances de cada um dos grupos de alunos das oficinas acima citadas. A tal separação “natural” entre grupos sociais, é desafiada em situações de radical transição entre realidades que a arte proporciona; isso porque a necessidade de reproduzir os batuques dos afro-caribenhos, por exemplo, faz com que aqueles jovens norte-americanos, ajam dentro de modelos de cooperação, e não de disputa, como é muito natural na sua cultura.

No âmbito mais geral, acredito que essa situação apresenta outros significados importantes, que resumo nas seguintes perguntas: essa necessidade de estabelecer uma identidade afro-americana é de fato aceita e usada por aqueles alunos, ou a interação com os ritmos da percussão, os movimentos do corpo e as encenações, estão ligados a outros significados, construídos no momento da execução de tais atividades? Ou seja, será que a identidade construída e desejada pela instituição é passada facilmente para a consciência daqueles jovens?

Estamos, aqui, lidando com a dimensão imprevisível e rizomática das práticas culturais. Afirmando isso, porque percebi que o contato com a arte para aqueles jovens, criava um momento de se desligar de identidades e discursos pré-estabelecidos e prontos. Era o puro prazer de tocar a música, de dançar e de encenar, que dava sentido para aqueles encontros. E a busca deste prazer proporcionava uma alteração nos hábitos de convivência social, porque a forma fria e distante de lidar com o outro, predominante na cultura daqueles jovens, foi modificada. Creio que o jeito individualista, competitivo e até arrogante de muitos astros do basquete e cantores de Rap, se assemelha muito à maneira em que

aqueles jovens se relacionam. Esse tipo de comportamento sofre visivelmente alterações a partir da participação nas oficinas.

Nessa experiência, foi constatado que a elaboração de um método etnográfico de apreensão da produção e recepção artística, pode nos auxiliar a construir pesquisas sobre as ações de grupos sociais de sociedades complexas, fora do modo dicotômico que os próprios grupos muitas vezes compartilham. É nesse ponto, que estou de acordo com a proposta de análise de Schwab, na qual a arte pode nos deslocar para uma zona de indeterminação, onde nossas identidades são negociadas perante a presença do Outro. Assim, por exemplo, a identidade estabelecida por um jovem negro que participa da oficina de percussão afro-caribenha, é desafiada quando ele vê o seu colega de origem coreana, tocar perfeitamente bem os ritmos estudados nas aulas.

Digo isso, porque, na minha observação, os participantes negros eram encarados *a priori* como os portadores naturais daquelas expressões artísticas, e logo, os outros eram considerados como potenciais alunos com mais dificuldades. Eu percebia, em algumas aulas da oficina de percussão, a manifestação dessa concepção, quando alunos não negros faziam muito bem as atividades e despertavam surpresa. A construção da idéia de que a cor da pele, o tipo de cabelo e a forma do nariz irão pré-estabelecer o êxito de uma prática cultural, oriunda de um grupo social com características físicas semelhantes, é desfeita no momento em que alunos de várias etnias estão realizando práticas artísticas, onde o grau de habilidade e aprendizado não tem nenhuma ligação com a origem étnica dos mesmos.

Devo destacar também, que o pressuposto que determina como função da tradição cultural da diáspora negra, ensinar às pessoas os valores comunitários e democráticos, pode ser entendido como um exemplo de supervalorização de uma determinada cultura, quando se trata de ações que necessitam da coexistência de diversas matrizes culturais, tais como: viver em comunidade e estabelecer relações democráticas. Ao afirmar isso, não estou negando a importância dessas atividades, principalmente, como reação ao longo processo de segregação racial que os negros norte-americanos sofreram e sofrem, mas procuro enfatizar que tipo de construção de identidade e ação social, é estabelecida em sua ligação com uma visão de mundo essencialista e maniqueísta. Assim, uma cultura não é vista como algo que está constantemente em ligação com outras culturas, mas algo puro, que

deve ser sempre enfatizado em suas origem e através da manutenção de suas características.

Na perspectiva teórica que venho trabalhando, todos esses grupos culturais podem ser compreendidos como sistemas sociais. Os grupos identitários de Brown e o *Black Theater Repertory*, são sistemas sociais que criam processos de auto-reprodução a partir de sentidos, criados e comunicados por eles, e dirigidos para eles mesmos e para os outros sistemas sociais. Desta forma, as informações provenientes de fora dos limites daqueles sistemas sociais, são compreendidas a partir de seus próprios processos de significação. Isso explica como, nos limites do *Black Theater Repertory*, a idéia de comunidade e de democracia são compreendidas a partir de seus próprios parâmetros, assim como, acontece com a sua visão sobre as expressões culturais de outros grupos, que pode variar de uma postura de aproximação e admiração para outra de repulsa, negação, desprezo ou até ódio. Também é preciso lembrar, que o ato de preservar a memória da cultura afro-americana consiste num elemento fundamental para a auto-reprodução deste sistema.

Por outro lado, acredito que um grupo identitário, ao estabelecer ações de produção e recepção de bens culturais, visando outros sujeitos pertencentes a outros grupos sociais, possibilita situações em que os mecanismos de manutenção e auto-reprodução são questionados. Assim como, o espaço habitual de demonstração de pureza e essência de tal grupo, é invadido pela multiplicidade de possibilidades de identificação. Ou seja, o esforço de associar qualquer jovem negro, que vive nos EUA, com um conjunto de habilidades, desenvolvidas por escravos do Caribe, para tocar percussão, é posto em questão, quando, por exemplo, jovens asiáticos ou de origem européia, apresentam uma grande facilidade para executar os ritmos, aptidão que muitas vezes não é identificada nos jovens negros norte-americanos.

Outra dimensão dos mesmos questionamentos ressalta o tipo de ligação que pode ser estabelecida pelos participantes de atividades artísticas e culturais onde o exclusivo prazer de tocar, dançar, criar poesia e outras atividades afins, é compartilhado por outros jovens, cuja preocupação e interesse, não estão presos à questão de uma identidade que precisa ser mantida. A preocupação concentrada no prazer da atividade artística possibilita o desligamento de rótulos identitários e a indefinição, em lugar da diferença radical entre o eu, e o outro. E o momento de participar do fazer artístico é espaço para o contato cultural, onde

elementos da cultura que estão sendo apreendidos, são hibridizados com os modelos culturais que internalizamos. Essa negociação cultural tornou-se cada vez mais cotidiana nas sociedades complexas e multiculturais contemporâneas.

A experiência de conhecer o *Departament of Race and ethnic studies* da Brown me permitiu encontrar uma situação perfeita para esse estudo, uma disciplina oferecida com o objetivo de trabalhar com a questão das diferenças étnicas, e a produção e recepção de textos literários. Esse curso é chamado de *Ethnic Writing*, pois explora a idéia de “escrita étnica”, tanto na teoria, quanto na prática. O curso é ministrado por Marie Myung-Ok Lee, escritora de origem coreana que publicou três romances e também é ensaísta.

Neste curso, cabe aos estudantes examinar como escritores se relacionam com a questão da etnicidade (nem sempre sendo a sua própria), para que produzam obras criativas, na intenção de colocar suas idéias em prática através da escrita, incluindo, mas não limitando, ficção, poesia, memória e obras que combinem diferentes gêneros. Metade do curso consiste num *workshop* de escrita, no qual os alunos apresentam seus trabalhos para que os outros os leiam coletivamente. Para o bom funcionamento da oficina, o aluno que apresenta o seu texto tem que enviá-lo, com antecedência, para os demais alunos, por e-mail, para que seja feita uma leitura antecipada.

O curso combina a oficina de escrita com debates sobre textos teóricos e obras ficcionais. O principal foco do curso, é desenvolver nos estudantes a capacidade de produzir seus escritos em forma própria, assim como a habilidade para criticar textos numa perspectiva cultural.

Outro ponto importante no curso, é o exame da dimensão cultural e política que determina que vozes são ouvidas, o que torna uma obra legível. Neste ponto, a professora Marie-Lee usa a sua experiência de ser fundadora de uma organização de minorias literárias, *The Asian American Writers' Workshop*, cuja missão é incentivar e disseminar as obras de escritores asiático-americanos. O curso aborda os argumentos criados em torno de organizações literárias étnicas, a partir, de questões do tipo: É necessário nutrir vozes minoritárias numa cultura onde a experiência da escrita é frequentemente considerada normativa, ou fazer com que essas organizações promovam sua auto-segregação e completa marginalização? Qual o papel de comunidades étnicas enquanto leitores?

De um modo geral, percebo o curso *Ethnic writing* como um espaço criado para realizar contatos culturais sem o predomínio de uma identidade

perante as outras. A diferença é o motor das atividades, pois aqui não existe, é claro, a ausência de preocupação com a questão da alteridade, como nos cursos tradicionais de literatura; ao mesmo tempo, aborda-se a questão das diferenças, como motor impulsionador da produção e da leitura de textos literários.

A idéia de se formar artificialmente um espaço de contato cultural é um caminho interessante para a construção de uma pedagogia da alteridade através da arte e da literatura. Diferentemente de outras atividades produzidas por grupos identitários isolados, esse curso depende da interação de várias vozes, pois a turma era formada por 14 alunos de diferentes etnias que estão simultaneamente, produzindo e lendo, textos variados. O fato de todos terem de ler coletivamente cada produção textual levou a situações muito semelhantes aos trabalhos de leitura que realizei nos cursos comunitários, porém aqui, a diferença está na questão de que a multiplicidade étnica é conscientemente trabalhada e explorada.

Pela observação dos *workshops*, é possível perceber a dinâmica dos contatos culturais e como o ato de produzir e ler textos, revela em que medida os processos de construção de identidades e de realidades são resultados de ações intersubjetivas, e não, provenientes de uma essência última que cada sujeito carrega desde o nascimento. Estamos aqui no que chamei, no início deste trabalho, de um movimento de *loop*, no qual o sujeito se observa, e observa a sua cultura e simultaneamente, apresenta essa auto-observação para outros sujeitos que estão também realizando seus *loops* auto-observadores.

Apesar de ser livre a escolha dos gêneros e estilos de texto, houve o predomínio de textos sobre as experiências de vida dos alunos. Desta forma, o tema da identidade coletiva estava sempre em diálogo com a questão das memórias pessoais. Ao mesmo tempo, observei que a expressão literária foi usada aqui, como um espaço performativo e de estudo, onde as técnicas de escrita são muito debatidas e a diversidade de leituras para cada texto impossibilita qualquer tentativa de privilégio de um tipo de interpretação. Sendo assim, realmente as pessoas de várias etnias participam dos debates, sem qualquer gesto de destacar sua etnia, enquanto vítima ou opressora em relação às demais.

O que percebi, foram debates sobre como a imaginação é ativada para tratar as experiências de discriminação, frustração, medo, tanto quanto outros sentimentos e reações, oriundos do encontro de grupos étnicos nas cidades norte-americanas. Assim, as vivências e identidades de negros, *chicanos*, asiáticos e outras etnias, são abordadas como efeitos de construções conceituais que ficam

completamente expostas nos atos de escrever e ler literatura. Ou seja, a literatura é considerada aqui uma maneira de conhecer as dores, os sentimentos, as visões de mundo de pessoas com experiências pessoais e sociais muito distintas.

Uma atividade coletiva de leitura, interessante para essa questão, teve como objeto da leitura o poema *Mi querida*¹, transcrito a seguir, de autoria da aluna Annette Shreibati, de origem mexicana.

Mi Querida

She is one of those unrestrained women that laughs with her whole body.
Head tilted back, mouth open, arms swinging,
And hips writhing in perfect rhythm with her cackle.

Queria ser ela

She strides down the busy streets of the city.
Head up
Cold stare
Tight lipped
Proud walk
Crowds Part
Her eyes dart
One look, And you—
tend to lend negativity
to the ambiguity
of her stare.

No Quisiera ser ella

Smooth brown skin up against noisy cotton dresses.
Dangerous curves that you can trace for hours—
Reminding you of the security of burying yourself in her warm full breast.
Something you can count on.

Quisiera ser ella

Hunched like a turtle by her burdens.
Baby in one arm, stroller in the other.
A flustered face and a hesitant step.
Choking on the words of *Ingles* only.
There I am to bridge the worlds.

Que dice el señor?

Cause nobody can talk to anybody without me.

No Quisiera ser ella

She is the crazy at your holiday parties.
Spitting words with an illegal tongue at the market.
Skin *dorada* from the sun.

¹ Ver tradução do poema nos anexos da tese(página 164)

Hands cracked from washing your dishes.
Raising your child to have a brown soul.
She is able to share her amusement with the world.

Quisiera ser ella

O poema, segunda a autora, remete a sua vida pessoal, pois se refere a sua mãe. No entanto, essa informação somente foi dada no término do debate, e assim, esse poema recebeu as mais variadas leituras. O enfoque temático da figura de uma pessoa, no caso, sua mãe como parte de uma autobiografia, representa um importante elemento do processo de reconstrução de um passado. Esse poema explicitou toda a variação que a figura materna pode sofrer dentro de um movimento, no qual o sujeito tenta articular a história de sua vida, com uma determinada versão que é mais conveniente ao seu momento atual. Acredito que no jogo antagônico entre “queria ser ela” e “não queria ser ela”, está explícita essa condição da autobiografia, e nos leva à reflexão de como esse conflito se apresenta sempre, quando estamos construindo nosso passado pessoal.

A partir da informação dada pela autora do texto, é possível ler o poema com a visão de uma moça de origem mexicana, que estuda numa prestigiosa universidade americana, e enfrenta a situação de estar dentro e fora do que o *status quo* norte-americano, que estabelece como o seu perfil ideal (ser rico, sofisticado e branco). Ela está dentro, porque estuda naquela universidade, se veste bem e anda com colegas desse nível social. Ao mesmo tempo, está fora, porque tem origem em um grupo étnico que, sob olhar conservador norte-americano, é predestinado para o trabalho subalterno, não sabe se comportar bem, e em sua maioria, está nos EUA como imigrantes ilegais que nem falam inglês. Pode-se considerar que esse caso, é muito próximo do que Peter Berger disse sobre a relação entre mobilidade social e o processo de reinterpretação do passado da vida de uma pessoa.

A mobilidade social (movimento de um nível da sociedade para outro) tem consequências muito semelhantes em torno da reinterpretação da vida de uma pessoa tanto da mobilidade geográfica. Tomemos como exemplo a maneira com as auto-imagem de um homem se modifica à medida que ele ascende na hierarquia social. (...) É possível que o aspecto mais triste dessa mudança seja a maneira como ele agora interpreta seus relacionamentos com pessoas e os fatos que lhe eram caros. (...) Até a velha mamma, que era o centro do

universo, tornou-se uma italiana tola que se deve pacificar ocasionalmente com exibição freudiana de uma personalidade que não existe mais.²

Acredito que uma leitura plausível do poema é que a jovem aborda esse aspecto mutante de sua autobiografia e trabalha-o de forma experimental, buscando debater os efeitos da tomada de consciência de como o nosso olhar, para nós mesmos e para as pessoas mais próximas, não é fixo e está ligado à nossa posição no mundo social. Desta forma, o desejo de ser a mãe, ora aparece, ora desaparece, numa mistura de admiração, dependência de segurança, irritabilidade em relação à figura que aquela mãe faz, diante do perfil ideal destacado pela sociedade.

A apresentação do personagem do poema ocupa uma espécie de entre-lugar, onde os elementos de identificação e rejeição estão misturados nas diversas faces daquela mulher(a mãe), que não se define, pois ora aparece como maternal, e mesmo tempo, atraente e cheia de curvas perigosas. O que Peter Berger observa sobre a mudança de auto-imagens, ao longo das fases de uma vida, a partir da mobilidade geográfica e social do sujeito, pode ser ampliado, incluindo constantes movimentos de retorno às velhas concepções e seus choques com as novas perspectivas, que recebemos a partir das mudanças de vida. No caso do poema autobiográfico, não é apenas a mudança de patamar social, mas os choques de uma subjetividade marcada por memórias e a necessidade de fugir dos rótulos de mexicana ou, como eles chamam, de *chicana*. Assim, a ascensão social para o status de uma estudante de uma universidade prestigiada, não a faz olhar para sua mãe apenas como parte de um passado chicano, mas como algo poderoso e complexo, que a expressão literária pode ajudá-la a descrever, mantendo todos esses movimentos da sua subjetividade.

O grupo, explicando de forma geral e bem resumida, seguiu o princípio de que se tratava de um poema feito sobre uma pessoa próxima da autora, mas não disse diretamente que era a mãe. Quase todos enfatizaram a questão do jogo entre a aproximação e rejeição do narrador(a) diante da mulher apresentada no poema. Um dos alunos, de origem japonesa, afirmou que o recurso de usar o título “Mi querida” e a repetição das frases “quisiera ser ella” e “No quisiera ser ella”, em espanhol, foi um recurso maravilhoso, pois representava um

² BERGER, Peter. Alternância e biografia, ou, Como adquirir um passado pré-fabricado. In: _____. *Perspectivas sociológicas*. Petrópolis: Vozes, 1983.p.(71)71-83.

retorno do narrador as suas raízes e a tentativa de se comunicar de forma familiar na língua natal com aquela pessoa que, segundo esse aluno, é visivelmente íntima do narrador(a).

Uma aluna negra, nascida em Trinidad Tobago, fez um comentário sobre como aquela imagem da mulher estava de acordo com estereótipo da mulher mexicana, com as curvas, os seios grandes, tendo uma certa conotação de sensualidade. Mas, ao mesmo tempo, existia um outro conjunto de imagens que desafia tal conotação estereotipada, com outras características dos seios, que estão próximas da imagem dos seios de uma mãe que fornece amparo e proteção. Ela considera o poema muito bom, muito bem escrito, por nos fazer pensar como são confusas as nossas visões sobre a vida.

Outro ponto muito debatido, foi a ambigüidade entre a figura sensual da mulher e seu lado materno. Para uma outra aluna, isso faz com que o poema dirija-se a alguém com quem não se tenha intimidade. Ao mesmo tempo, um outro aluno, de origem japonesa, percebeu que há uma mistura da fala de uma criança sobre a sua mãe, a e fala de um marido sobre a esposa. Essa duas visões diferentes sobre a figura da mulher mexicana, a meu ver, fornecem uma abertura de caminhos para as interpretações e desfazem o aparente consenso que já estava se desenhando.

Esta abertura para novos significados, foi ampliada pela professora Marie Lee que acrescentou um novo elemento para a reflexão: a ênfase dada à cor marrom e sua associação com a pele e a alma ao mesmo tempo. Grande parte do grupo afirmou, cada um a sua maneira, que essa cor representava a pele morena predominante nos mexicanos, ao mesmo tempo, lembrando sexualidade e energia, algo muito diferente da cor branca, que, no caso, representa o padrão ideal americano e também a racionalidade.

Como observador das oficinas do curso *Ethnic writing*, tive a sensação de que a leitura coletiva proporciona, em certos momentos, movimentos rizomáticos em que conexões inesperadas são feitas. A liberdade para criar e ler textos, levou os participantes a uma postura interessante, de ótimas testemunhas reflexivas das experiências de ser um estrangeiro. Ao mesmo tempo, olhares que desfamiliarizam o padrão são expostos em textos colocados para serem lidos. Acredito que, em tais circunstâncias, a identidade de um sujeito deixa de considerar-se como algo fixo, o que possibilita à literatura, ser campo de contatos culturais.

É importante destacar que esse grupo de alunos que escrevem e debatem a produção do próprio grupo, já estava se encontrando há dois meses e meio, e compartilhando um conjunto de idéias e conceitos. Também, paralelamente, praticando ações que denotam consensos. Sendo assim, afirmo que esses alunos formam uma comunidade interpretativa que atinge certo padrão de conduta perante os textos apresentados, principalmente, pelos textos escritos por seus colegas. As leituras giram em torno da questão de se pertencer a um grupo minoritário na sociedade norte-americana.

Entretanto o poema *the cost of living*, transcrito a seguir e de autoria de Noel Reyes, aluno de origem japonesa, apresenta um momento em que a reflexão crítica do grupo, se dirigiu à dimensão política mais geral, sem se fechar exclusivamente na questão étnica e racial.

The cost of living³

they sold us the American dream
starting at 1492 a month (utilities not included),
but can we afford the American “way of life,”
base price 300 billion dollars?

—not including hours of sleep
sacrificed by mothers
negotiating with God nightly for
unrealized returns of beloved children,
plus inconsolable cries of a widowed wife
echoing through the canyon of empty space
vacated by a lifetime of lost candle-lit dinners,
taking out the trash tomorrow,
and second cones of ice-cream for spoiled grandchildren.

now add 3 dollars for each gallon of oil
guzzled by global warmers called
SUV’s sagaciously named “suburban,”
used by an overworked father to chauffeur the
family he reacquaints himself with
on non-golfing weekends when he’s in town—
and multiply by 300
for the number of babies famished by
free markets that never have any food
during their 10 minute trip to mcdonald’s

next, divide the sum by shards of debris that
tempered the shrillness of screams of an Iraqi janitor
killed collaterally in a “clean hit,”
and add infinity for the number of times each day
his wife of 27 years still

³ Ver a tradução deste poema nos anexos da tese (página 165)

secretly hopes he'll come home,
because they never found his brown body—
one of 100,000 unworthy of being counted.

so even if it were possible to tally
the beads of sweat from brows of
mothers and fathers rummaging through the residue of
family histories wiped out by unnatural disasters—while
rich white men kick-back, relieved of taxes,

eventually

the weight of death and decadence
will descend on myths of Americans dreaming
like two towers plummeting,
their deafening disintegration
awakening us all to the reality on the ground:

we can't afford the cost of living this "way of life"—

but what has already been lost
and what is there to offer
as payment for debts that
can not be forgiven?

Esse poema apresenta uma crítica à cultura econômica norte-americana, ao questionar qual o valor das vidas que são perdidas para a manutenção do crescimento da riqueza desse país. O debate iniciou-se tratando das técnicas de escrita usadas pelo autor. Como por exemplo, a aluna Mika Nagasaki, de origem nipônica, nos chamou a atenção para o uso irônico dos números ao lado das situações de sofrimento e de desigualdade social, que o sistema político-econômico dos EUA produz.

Achei interessante perceber, como a imagem de decadência e de morte que descem sob os mitos do sonho americano, como se fossem as torres gêmeas do *World Trade Center*, foi comentada por alguns participantes. Resumindo de um modo geral, os comentários sobre essa imagem enfatizaram realmente a sensação de como a idéia de um EUA livre, próspero e intocável, foi radicalmente modificada após o 11 de setembro de 2001. As demonstrações de sofrimento dos civis iraquianos, devido às investidas militares dos norte-americanos, foram comentadas como exemplos da face violeta e desumana dos EUA. Outras falas enfatizaram também, que o poema apresenta de forma lúcida, o outro lado dos EUA, com seus grandes erros, em contraponto ao velho discurso, que eles ouviam

desde criança, de que os EUA é um país livre, justo e leva a liberdade para o todo o mundo.

Apesar de estar muito acostumado com as críticas à política dos EUA, principalmente em relação à administração do presidente George Bush, achei interessante a leitura desse poema, porque não era comum encontrar lá, críticas diretas ao estilo de vida norte-americano. Ou seja, eu percebia que eram comuns as críticas contra a discriminação sexual, étnica e cultural mas, no que se refere ao “*american way of life*”, era de fato muito raro encontrar. O debate sobre o poema *the cost of living* demonstrou como a economia rica de mercado, o mundo de consumo e de prosperidade que encontramos nos EUA, recebeu uma outra conotação como sendo fruto da morte, da guerra e da exploração. Em termos da força dos discursos neoliberais e, principalmente nos EUA, é importante destacar uma leitura que denuncia o custo das vidas perdidas em nome desse sistema. Isso representa, um espaço de formação de uma visão singular, contrária a esta configuração de mundo, criado em nome da nova ordem capitalista mundial.

Do meu ponto de vista, essa experiência apresentou duas visões sobre como viver naquela parte da sociedade americana. Uma, consiste no reconhecimento de que existe sempre algo muito dominador por parte dos EUA, como a arquitetura organizada e imponente dos mega prédios, os carros de cinema sendo dirigidos por jovens de 16 anos, e tudo visível, representante da riqueza que circula por todos os lados. Desta forma, sempre enxerguei na política de identidade norte-americana, uma mistura de ações de pessoas que realmente sofreram e são discriminadas por uma sociedade capitalista e anglo-saxã, ao lado de algo controlado por um jogo sofisticado de *marketing*, no qual muitas identidades serviram para formar mercados consumidores para todos os seguimentos da indústria e do mercado.

A outra visão é fruto de um desvio desse meu olhar generalizador para um foco onde observo micro-espacos e pequenas frestas naquela sociedade. Essas frestas consistem nas interseções de sistemas sociais. O curso *Ethnic Writing* está subordinado sistematicamente a uma grande instituição universitária que, por sua vez, está ligada, a determinada configuração da sociedade americana, pois Brown é uma universidade da elite dos EUA. Considero, então, essa iniciativa, como uma fresta dentro daquela sociedade, que está muito próxima do que Deleuze chama de sociedade de controle, pois creio que nesses encontros, singularidades foram criadas fora da ordenação que a força do controle deste país

rico e poderoso, tem sobre sua população. Digo isso, porque a meta final dessa experiência de leitura e escrita de textos, não está na defesa e manutenção de uma identidade e, assim, busca livrar-se do controle social estabelecido pelos EUA.